CACAU

Uma história de altos e baixos — I

Existem fortes indícios de que o ciclo de nove anos de preços mundiais baixos para o cacau, iniciado em 1988, esteja chegando ao seu final, inaugurando-se um mercado em alta com duração de vários anos. O estudo, que começa nesta edição e terá prosseguimento nos próximos números, traça a história do produto, analisa as causas que levaram à sua depreciação e tenta desenhar possíveis cenários de sua evolução futura.

O mercado de cacau na era pós-Guerra Mundial

Durante um extenso período, desde o final da II Guerra Mundial (a partir de onde existem dados confiáveis sobre o mercado mundial de cacau) até o início da década de 70, os preços do produto eram relativamente constantes, oscilando em torno de US$500,00 por tonelada. Ao longo deste tempo, produção e consumo mundiais cresciam em ritmo harmônico, um aproximadamente acompanhando o outro. Como resultado, os estoques mundiais também mantiveram níveis estáveis, raramente fugindo da faixa de 35-45% do consumo anual (*stock ratio* de 0,35-0,45). Breves períodos de desvio, em 1951-54 (para baixo) e em 1960-66 (para cima) provocaram surtos de altas e baixas dos preços, mas sempre de curta duração.

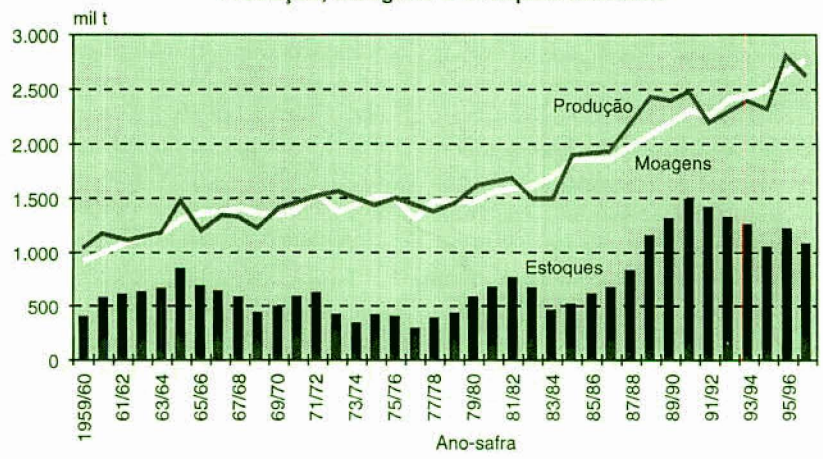
Este quadro foi perturbado quando, a partir de 1972, safras seguidas dizimadas por condições climáticas adversas defasaram a oferta mundial da demanda, reduzindo a *stock ratio* a menos de 0,20 em 1977. A conseqüência foi uma explosão dos preços. Em julho de 1977, a Bolsa de Cacau em Nova York registrou cotações acima de US$5 mil/t e o preço indicador médio da Organização Internacional do Cacau (OICC), daquele ano, chegou a quase US$3.800,00.

A reação no campo do consumo foi imediata. As moagens mundiais de cacau caíram entre 1976 e 1978, só retornando à base anterior cinco anos depois, em 1981.

Mas muito mais intensa, embora retardada, foi a reação da produção.

Os países produtores de cacau, todos em vias de desenvolvimento, se assanharam com as perspectivas de ganhos milionários e iniciaram amplos programas de expansão das suas plantações. A Malásia e, logo em seguida, a Indonésia praticamente estrearam no rol de produtores mundiais, enquanto a Costa do Marfim iniciou a escalada que a levaria da posição de quarto produtor mundial da época, com safras de 180 mil toneladas, à liderança absoluta do mundo, com 1.200 mil toneladas em 1995/96. Para não ficar atrás, nosso governo militar de então também estreou seu Procacau, comandando plantações maciças na região amazônica (causa primária da expansão da doença vassoura-de-bruxa para a Bahia) e incentivando a extensão da cacauicultura na Bahia para áreas pouco apropriadas.

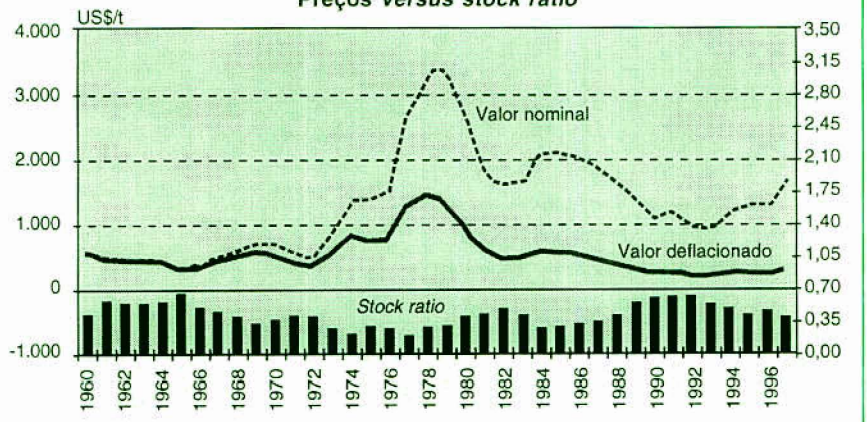
Gráfico 1
Produção, moagens e estoques mundiais



Fonte: ED & F Man Cocoa Report.

Gráfico 2

Preços *versus stock ratio*



Fonte: Arquivos do autor.

Como o ciclo do cacau é de cinco a sete anos entre seu plantio e o início de sua produção, o efeito inevitável da euforia expansiva começou a manifestar-se a partir de 1984. Em apenas cinco anos, entre 1984 e 1989, a produção mundial saltou quase 60%, de 1.540 para 2.460 mil toneladas, enquanto o consumo, embora já recuperado da explosão dos preços nos anos 70 e crescendo em ritmo sadio, avançou apenas 23% durante o mesmo período. Iniciou-se uma seqüência ininterrupta de excedentes da safra mundial de 1985 até 1991, elevando os estoques a 63% do consumo, cifra apenas superada num único ano, em 1965, mas derrubada logo no ano seguinte, por um monumental déficit de produção.

Imprevistos adversos

Uma derrubada semelhante teria ocorrido a partir de 1991, não surgisse o imprevisto da desintegração econômica da URSS, que provocou a queda do seu consumo de 201 mil toneladas de cacau para apenas 25 mil, e interrompeu o ritmo do crescimento mundial da demanda, transformando uma expansão da ordem de 5% ao ano numa retração de 3%, em 1992.

Mesmo assim, os estoques continuavam caindo, embora em ritmo mais lento e ainda sustentando níveis elevados, incapazes de exercer pressão altista sobre os preços. Esta pressão iria manifestar-se no ano agrícola 1995/96. As primeiras projeções dessa safra previam um déficit da ordem de 150 mil toneladas, que teria levado os estoques — pela primeira vez desde 1987 — abaixo do limiar de 40% do consumo. Aconteceu, então, o segundo imprevisto sob a forma da explosão da produção, provocada por uma supersafra na África, resultado de clima excepcionalmente favorável. O déficit previsto de 150 mil toneladas se transformou em superávit de 160 mil, a *stock ratio*, em vez de cair, se elevou novamente acima de 0,45 e a reação dos preços foi mais uma vez adiada.

Entre 1984 e 1989, a produção mundial de cacau cresceu quase 60%, de 1.540 para 2.460 mil toneladas, enquanto o consumo alcançava apenas 23%.

Vale notar, no entanto, que os preços não sofreram queda, porque, apesar da brusca reversão de expectativas, o mercado mundial já mostrava um quadro estrutural nitidamente deficitário. O consumo continua em ascensão, fomentado pelos preços ainda baixos, e a produção dos próximos anos dificilmente poderá superar o pico alcançado pela supersafra de 1995/96. O ano agrícola corrente, terminando em 30 de setembro, já parece ter um déficit confirmado entre 100 e 150 mil toneladas e a *stock ratio* definitivamente cairá a menos de 0,40. Segundo a opinião unânime dos analistas do mercado mundial, os próximos anos verão uma seqüência ininterrupta de déficits, apenas variando em volume, de acordo com o clima mais ou menos favorável nas regiões produtoras. Sua transformação em superávit está fora dos limites da probabilidade, salvo algum imprevisto inimaginável.

Reagindo à previsão, os preços mundiais evoluíram da faixa de US$1.200-1.400/t, onde oscilaram durante a maior parte dos últimos três anos, e tendem a assumir um novo patamar de US$1.500-1.600/t. Os gráficos 1 e 2 mostram a evolução da oferta, da demanda e dos preços mundiais (US *import value* FOB) desde 1960.

Forças do livre mercado

O comércio mundial do cacau é um típico mercado de commodity comandado por bolsas de futuros, basicamente sujeito às leis de oferta e demanda, mas sempre influenciado pela ação de especuladores, por rumores e movimentos de pânico, além de tentativas (quase sempre malsucedidas) de manipulação por indivíduos ou grupos econômicos. As bolsas de Londres e de Nova York regulam as cotações globais, com sua interação fortemente sujeita a fatores cambiais, não só da relação entre o dólar americano e a libra esterlina, mas também das flutuações das moedas dos países da União Européia, maiores compradores e processadores mundiais de cacau.

Além dos especuladores, que não têm cor nem nacionalidade (embora

ultimamente consistam em peso cada vez maior de grandes fundos de investimento dos dois lados do Atlântico Norte), as transações nas bolsas de cacau ficam quase exclusivamente a cargo de comerciantes internacionais (*dealers*), processadores de cacau e fábricas de chocolate, todos em países consumidores.

Com exceção de um breve interlúdio entre as décadas de 70 e 80, quando empresas privadas e estatais brasileiras (Interbrás) desenvolveram atividade intensa tanto em Londres quanto em Nova York, os agentes econômicos oriundos de países produtores de cacau permaneceram virtualmente ausentes das bolsas. Por conseqüência, as oscilações dos preços mundiais ficaram inteiramente à mercê das iniciativas do lado comprador do mercado internacional, enquanto o lado vendedor — os países produtores — foi relegado a um papel passivo. Embora isso prive os produtores de cacau de qualquer influência direta sobre o preço de venda do seu produto, a reação inevitável do mercado a fatos ocorrentes em seus países não deixa de atribuir-lhes uma forte influência (mesmo que involuntária) sobre os destinos de seu mercado.

Para tentar desenhar os caminhos que o mercado mundial poderá percorrer nos próximos anos, é preciso avaliar as interações complexas entre preços, produção e consumo mundiais, ou seja, a influência das cotações do cacau sobre a evolução da produção e do consumo, bem como o efeito recíproco do binômio oferta/demanda sobre as cotações.

Este será o objeto dos próximos artigos.

THOMAS HARTMANN

THOMAS HARTMANN é cacauicultor e consultor de empresas, com experiência de mais de 30 anos na lavoura, indústria e comércio internacional de cacau, tendo dirigido, durante mais de duas décadas, indústrias processadoras do ramo. Titular da "Coluna de Cacau", uma publicação semanal no suplemento agrícola do jornal *A Tarde*, de Salvador, o diário de maior circulação no Norte/Nordeste brasileiro.
E-mail: cacauth@svn.com.br
© Thomas Hartmann 1997 — Reprodução total ou parcial somente mediante autorização prévia escrita do autor.

FATOR CLIMÁTICO

A volta de El Niño

Em todo o mundo, repercutem as notícias sobre o retorno de El Niño e espera-se que o deste ano seja "o pior do século". No entanto, não há bases para tal afirmação.

O intenso noticiário sobre El Niño tem colocado o fenômeno climático como um dos assuntos do momento. Por que ocupa tanto espaço nos meios de comunicação? Simplesmente porque, além da lembrança dos estragos que ele já provocou, há indícios de que, desta vez, virá com grande força.

El Niño já é conhecido há séculos, mas suas causas permanecem obscuras. Sabe-se de certa relação entre o recrudescimento de atividades vulcânicas e o início de perturbações nas águas do Pacífico, numa faixa de cerca de 9.700km, quase 25% da circunferência do planeta e do tamanho aproximado do território brasileiro.

De 1985 a 1995, um programa científico internacional de nome Toga (Tropical Ocean and Global Atmosphere), composto por mais de 2 mil cientistas de 20 países, analisou o fenômeno, a que chamou Enso (El Niño Southern Oscillation). O programa aparelhou o oceano com sondas e bóias submersas e flutuantes, que transmitem dados permanentemente ao sistema Argos de satélites, além de usar o satélite altimétrico franco-americano Topex-Poseidon. Este é capaz de detectar o desnivelamento das águas oceânicas, fundamental para o entendimento do processo.

Não se determinou, ainda, como acontece a vinculação com o vulcanismo. Contudo os 28 El Niños ocorridos neste século foram precedidos, em 15 ocasiões, por erupções vulcânicas capazes de prejudicar a incidência de luz solar, afetando a temperatura da água. Outra associação, também não